



ENTRE SILÊNCIOS, VOZES E VISIBILIDADE: TRAJETÓRIAS DE VIDA E DE ESCOLARIZAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Águida Batista Andrade¹
Andrey dos Santos Reis²
Lucélia Cardoso Cavalcante Rabelo³
Agência Financiadora: PIBIC/CNPq

Categoria: Comunicação oral

Eixo Temático/Área de Conhecimento: Políticas públicas e direitos da pessoa com deficiência

RESUMO:

A presente pesquisa de história oral resgata narrativas de vida e trajetórias escolares experienciadas por pessoas com deficiência que percorreram um processo de escolarização da educação básica chegando ao ensino superior. As questões norteadoras do estudo, buscaram compreender como foram se constituindo as trajetórias escolares de alunos com deficiência da educação Básica ao ensino Superior? O que revelam sobre enfrentamentos e desafios superados em seu processo de escolarização? Esta pesquisa fundamenta-se metodologicamente na história oral, resgatando memórias de quatro pessoas com deficiência: visual, física e surdez, que concluíram e/ou estão cursando o ensino superior em um município da Amazônia paraense. O estudo foi iniciado em 2016 e teve a duração de um ano. Participaram da pesquisa uma pessoa com deficiência visual/cego, uma com baixa visão, uma com paralisia cerebral e um surdo. Analisa-se que dos quatro participantes entrevistados: duas mulheres e dois homens, as origens sociais de dificuldades ocasionadas pela situação de pobreza, incide sobre os resultados de sua trajetória, ao mesmo tempo que impulsionou para a superação de adversidades. É notório, que a militância e luta por direitos foram decisivos para conquistas e enfrentamentos na vida de cada um dos participantes.

Palavras-chave: Pessoa com deficiência, histórias de vida, acessibilidade, inclusão escolar, educação especial.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia (FACED/ICH/Unifesspa). Bolsista PIBIC/CNPq da Unifesspa. Agência financiadora: PIBIC/CNPq. E-mail: andradeaguida82@gmail.com.

² Discente em Licenciatura plena em história 2015. Instituição: Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA Bolsista Pibic/Fapespa. E-mail: andreyreis@unifesspa.edu.br

³ Professora Adjunta da Faculdade de Ciências da Educação do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Coordenadora do Núcleo de Acessibilidade Acadêmica da UNIFESSPA. E-mail: luceliacrr14@gmail.com.



UNIFESSPA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ



1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta de uma pesquisa intitulada: “Entre silêncios, vozes e visibilidade: trajetórias de vida e de escolarização de pessoas com deficiência”⁴, que integra estudos do Grupo de pesquisa em Educação Especial: Contextos de formação, políticas e práticas de educação inclusiva e acessibilidade – CNPq/Unifesspa.

Romper com o silêncio histórico imputado às pessoas com deficiência, ouvir o ecoar de suas vozes narrando suas trajetórias de vida e experiências no percurso educacional, permite-nos compreender os processos de exclusão e inclusão numa outra perspectiva, garantindo o seu necessário protagonismo em significar o que vivenciaram em suas histórias de vidas.

Um país como o Brasil em que a maioria da população vive na condição de pobreza ou extrema pobreza, os direitos sociais precisam se constituir bandeiras de lutas cotidianas para se garantir o “direito à vida e à dignidade” como sinalizam Caiado, Berribille e Saraiva (2013, p. 18). A sociedade estratificada socialmente, em classes antagônicas em que as relações de produção e seu usufruto se dá de maneira ofensivamente desigual.

Por isso, são relevantes ações políticas que anunciam a possibilidade de construção de um novo projeto social que desnaturalize essas desigualdades. Assim, o discurso lega cumprir um papel importante para que as práticas sociais de exclusão sejam denunciadas e alteradas (CAIADO; BERRIBILLE; SARAIVA, 2013, p. 18).

Considerando nossa sociedade classista e desigual, que barreiras sociais as pessoas com deficiência enfrentaram? Sob que condições socioeconômicas?

No Brasil as políticas educacionais que contemplam a especificidade das pessoas com deficiência se assentam no ideário inclusivista, que têm sido

⁴ Vinculada ao Projeto de Pesquisa: Educação e deficiência na voz de quem vive essa trama: Trajetórias de vida de pessoas com deficiência, coordenado pela professora Dra. Katia Regina Moreno Caiado da Universidade Federal de São Carlos – integrando a agenda de pesquisas do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas em direito à Educação Especial- CNPq/UFSCar.

incorporados como discursos hegemônicos, e na composição de suas políticas públicas internas, as quais se revestem das raízes do pensamento neoliberal, que cabe urgência em problematizações sobre estes determinantes.

O atual discurso do direito a diversidade, discurso da inclusão do diferente, nega essa raiz e naturaliza a exclusão social. Fala-se então de uma escola abstrata, a-histórica, discute-se como incluir na escola aqueles que vivem socialmente excluídos, como se escola fosse uma instituição que funcionasse independente das relações sociais. Assim, ao aceitar que há as mesmas oportunidades sociais para todos os indivíduos discute-se, muitas vezes, apenas o direito a diversidade do corpo, de cultura, de etnia, desde que as pessoas com diferença de corpo, de diferentes culturas e etnias, que são pobres, aceitem permanecer nos espaços sociais que foram construídos para as camadas populares (CAIADO; BERRIBILLE; SARAIVA, 2013, p. 24).

Com as políticas de educação inclusiva, é salutar compreender que a “construção das desigualdades sociais como produto histórico de uma sociedade calcada na propriedade privada e no antagonismo de classe” (BUENO, 2013, p. 10) precisa ser o ponto de partida e de chegada de nossas reflexões e análises.

Não percamos de vista, que o discurso educacional, no final da década de 80, assumiu um “tom salvacionista” conforme criticam Bezerra e Araújo (2013, p. 574), no qual se urde um projeto de caráter político e ideológico que atribui a educação a força de abrandar as mazelas sociais, e uma função pragmática no contexto de desenvolvimento da economia capitalista. É sob este prisma que podemos discutir com coerência as situações de exclusão, inclusão e opressão imputada às pessoas com deficiência ao longo de suas histórias de vida. Considerando o seu direito a educação assegurados em legislações importantes como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e especialmente na Constituição Federal do Brasil (BRASIL, 1988) e considerando a atual Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008).

Na esteira deste debate, a inclusão escolar de pessoas com deficiência empunhada como bandeira política surge, segundo Bezerra e Araújo (2013, p. 575):

[...] não tanto como resposta a possíveis reivindicações coletivas, mas, principalmente, como uma estratégia reformista do capital, sendo um novo

mecanismo ideológico para perpetuar a ordem estabelecida e manter o *status quo* dominante.

Pesquisas como de Caiado (2003), Caiado, Berribille e Saraiva (2013), Padilha e Sá (2013), Bazon, Aragão e Silva (2013), Mantovani e Loureiro (2013) apresentam análises coerentes e problematizadoras sobre trajetórias de pessoas com deficiência que concluíram o curso superior que subsidiam o nosso olhar sobre a trama social na qual conquistaram seu direito a educação enfrentando barreiras e as superando cotidianamente na busca de conquistar a efetivação do seu direito a educação.

Deficiência e políticas educacionais inclusivas

A inclusão escolar de alunos com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades/superdotação, requer uma ação problematizadora a respeito das legislações que constituem a política de educação inclusiva e sua vinculação com a ideologia neoliberal, superadas as ilusões que lhes dão sustentação, precisa ser compreendida e defendida como direito social subjetivo, consagrado pela Constituição Brasileira (BRASIL, 1988; 1996):

O direito a educação, expresso nos documentos legais somente se legitima na garantia de condições para efetividade da democratização da educação pública, exigindo-se, não somente o acesso, mas a permanência e escolarização qualificada de todos os alunos.

Nesse viés compreensivo Caiado e Saraiva (2013) reiteram o abismo existente entre os textos legais e diretivos nacionais e internacionais sobre a inclusão e direito à educação e a realidade concreta de vida.

Resgatar e analisar nas trajetórias de vida e escolares de pessoas com deficiência, o processo de inclusão/exclusão de forma contextualizada as experiências de vida e de escolarização e nesse processo analisar os contextos materiais de vida que propiciaram condições para superar situações, as limitações e desigualdades a que são submetidos esta população ao longo de seu percurso de sua educação básica ao ensino superior, produz resultados investigativos de grande

valor a partir das vozes de quem sente a condição da deficiência que adensam compreensões sobre o fenômeno envolvidos nos processos de exclusão/inclusão escolar.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa se desenvolveu com base em pressupostos metodológicos da perspectiva histórico-crítica, na qual as práticas sociais, sua historicidade e multideterminação (SAVIANI, 2000), propicia-nos abranger na tônica de sua complexidade e fatores incidentes sobre a vida das pessoas com deficiência.

O estudo em questão, integra um projeto maior de pesquisa e foi realizado com uso fontes da história oral, com o intuito de conhecer e analisar as histórias de vida e escolarização de pessoas com deficiência em sua trajetória escolar do ensino básico e/ao ensino superior.

Problematizou-se: Como foram se constituindo as histórias de vida e as trajetórias escolares de alunos com deficiências da educação básica ao ensino superior? O que revelam sobre esse aprendizado?

A utilização da história oral no contexto de pesquisas em educação especial, e por sua vez, com pessoas com deficiência, foi desenvolvida em razão da possibilidade de oportunizar espaços de visibilidade e de voz a esta população estigmatizada, marginalizada, oprimida e excluída na sociedade, a despeito de todos os direitos constitucionais como cidadãos e legislações específicas existentes no Brasil.

Toma-se, assim, a história de vida como uma unidade de análise reveladora da relação entre o social e o indivíduo. História de vida que expressa as possibilidades históricas concretas de aquela vida se constituir (CAIADO, 2003, p. 45).

Participantes do estudo:

Participaram do estudo quatro (4) colaboradores com deficiência. Por questões éticas, serão preservadas as identidades dos participantes, com o uso de nomes fictício, sendo:

- Uma pessoa cega (Otto nome fictício)
- Uma pessoa com paralisia cerebral (Sofia nome fictício)
- Uma pessoa com baixa visão (Lígia nome fictício)
- Uma pessoa surda (Miguel nome fictício)

Percurso da pesquisa:

Primeiro momento: Foram discutidos os parâmetros da pesquisa⁵, com análise dos instrumentos da pesquisa. Na sequência, realizaram-se os procedimentos éticos da pesquisa com a apresentação do parecer de aprovação no Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar.

Segundo momento: Foram realizados estudos teóricos sobre a deficiência e seu direito a educação, além de estudos metodológicos para orientar os caminhos da pesquisa. Foi realizada uma entrevista piloto, para posterior continuidade da coleta.

Terceiro momento: Foram realizadas entrevistas com quatro pessoas com deficiência e posteriormente, foram transcritas e seus textos organizados em uma coletânea de narrativas a serem submetidas à apreciação de pessoas com deficiência participantes e pelos pesquisadores envolvidos no estudo para a sistematização de análises.

Quarto momento: Foram organizados os dados englobando três eixos temáticos centrais da pesquisa em Rede: 1) contexto familiar; 2) processos de escolarização e 3) convívio social.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

⁵ Reuniões de Grupo de Pesquisa - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Direito à Educação – Educação Especial/UFSCar Sorocaba, integrando o Projeto de Pesquisa: Educação e deficiência na voz de quem vive essa trama: Trajetórias de vida de pessoas com deficiência (CAIADO, 2016), coordenado pela profa. Dra. Kátia Regina Moreno Caiado.

Considerando as trajetórias narradas e os grandes eixos da pesquisa, foram sistematizados sub eixos temáticos, que melhor permitissem um diálogo com dados das histórias de vida. De modo a conhecer quem são as pessoas com deficiência e suas trajetórias subjetivas, seus contextos sociais e condições materiais de vida e a relação com o processo de escolarização que vivenciaram e experiências de inclusão, exclusão e superação pelas quais passaram ao longo de sua vida.

a) Perfil e subjetividades das pessoas com deficiência:

Concernente ao primeiro tópico de análise, ao explorar os relatos, identifica-se perfis diferenciados de modos de ser e estar no mundo. Modos de enfrentamento com a realidade que historicamente os excluía em razão das expectativas e representações sociais sobre a (in) capacidade determinada pela condição de deficiência centrada no sujeito.

De quatro participantes, que foram entrevistados, todos residem em Marabá, quer por motivação de empregos, quer por razões de estudo – cursando o ensino superior – ou ainda como no caso de Sofia, que tem residência no município desde seu nascimento. As idades dos entrevistados variam de 19 a 38 anos. Nasceram entre 1979 a 1998, período no qual se vivenciou um momento da história da Educação Especial no Brasil, de mudanças de paradigmas de exclusão, integração e inclusão.

Otto, nascido em 1983, em uma rural de um município de pequeno porte no sudeste do Pará - Itupiranga, de origem oriunda de camadas populares da sociedade, filho de pai lavrador e mãe produzia artigos de crochê. Tem 38 anos de idade. Desde os primeiros anos de vida, devido a um problema congênito, tinha deficiência visual, com baixa visão. Com a separação dos pais, no início da infância, foi morar com a avó. Em sua história de vida identificamos partiu da família a iniciativa de alfabetizá-lo considerando a visão que ainda possuía. Sua inserção na realidade social e educacional, evidencia marcas de protagonismo na luta por direitos das pessoas com deficiência. Viveu na condição de pessoa com baixa visão,

até ficar cego na juventude. Morou em contextos diferentes e é irmão mais velho de 3 irmãos. Tem um outro caso de pessoa cega na família, seu irmão.

Lígia, possui deficiência visual – baixa visão⁶, devido a um problema congênito. Nascida no interior do Pará – Cametá-PA, na região próxima à capital, em 1999. Durante a infância não percebeu a deficiência visual, apenas com 15 anos de idade teve o diagnóstico. Desde o nascimento, sempre morou a com os pais é a mais velha e tem um irmão. Relatou que ao longo de sua trajetória de vida, não enfrentou grandes problemas na escolarização, somente com o agravamento da retinose pigmentar, ocasionando perda visual mais intensa aos 15 anos de idade. Morou com os pais e para cursar o nível superior mudou-se para Marabá. É a irmã mais velha de um único irmão.

Sofia, 22 anos, nasceu em Marabá e durante o parto sua mãe teve complicações, o que acarretou uma paralisia cerebral, na qual houve comprometimento nos membros inferiores, exigindo o uso contínuo de muletas como auxílio à locomoção. Com o tempo, o esforço com o uso das muletas, os membros superiores, houve uma perda de movimentos para atividades mais simples como a escrita. Morou desde o nascimento com os pais até os tempos atuais. É a irmã mais velha de 3 irmãos.

Miguel, 35 anos, nasceu em Tucuruí-PA, ficou surdo ao contrair meningite aos 3 anos de idade. Seu pai faleceu muito cedo, e Miguel foi morar com sua avó, no início da infância. É o mais velho de 3 irmãos. Desde o início, utilizava a Língua de sinais para se comunicar. Enfrentou e enfrenta muitas dificuldades na vida em decorrência da falta de condições de acessibilidade e barreiras na comunicação. De origem empobrecida, só pode acessar serviços públicos até o nível superior, quando fez faculdades particulares.

Otto revela-se como uma liderança militante nas causas das pessoas com deficiência, assim como Miguel é envolvido com a comunidade surda. Ambos têm uma atuação política de movimentos sociais ligados à luta pelos direitos das

⁶ Retinose pigmentar

peças com deficiência. Lígia descreveu não vivenciar militâncias durante sua trajetória de vida, já Sofia explicou que participa ativamente de movimentos estudantis, mas amplos, na universidade, sem vínculos mais diretos com movimentos de pessoas com deficiência.

b) Contextos vida e processos de escolarização da pessoa com deficiência:

Em relação as condições socioeconômicas de vida de cada um dos quatro participantes do estudo, distinguem-se conforme seus relatos.

A busca pelos estudos, a despeito das condições de classe de cada uma das pessoas com deficiência, revelou-se iniciativa de superação de barreiras e desafios pela própria pessoa com deficiência, isso fica claro nos relatos de Otto e Miguel. Que tiveram que mudar-se e conviver com famílias diferentes em seu processo de escolarização.

Otto nos traz um importante relato:

“[...] minha vó que me ensinou a lê, isso eu devo a ela o certo que eu tinha uma dificuldade na época... eu tinha visão - um resíduo visual e minha vó explorou esse resíduo visual meu, para que eu pudesse, pudesse lê que eu pudesse aprender a lê e a escrever”.

A despeito das condições sociais e baixa escolaridade imputadas à família de Otto, conseguiu se escolarizar e concluir dois cursos de graduação em uma universidade estadual e outra federal.

Nos relatos de Lígia, seu processo de escolarização, inicia-se em seu convívio familiar, aprendeu:

“... a lê e a escrever antes da minha mãe me colocar na escola, primeiro ela ensinou eu e ao meu irmão a lê escrever, depois ela colocou a gente na escola”.

Descreve ainda, que não teve problemas no seu processo de escolarização e que era mais avançada em relação aos outros alunos, devido ao ensino que teve

prévio com sua mãe. No seu ensino fundamental e médio, Lígia relatou não ter enfrentado obstáculos para aprender. Estudou em escola privada e explicou haver vantagens nisso. Quando havia qualquer dificuldade a própria direção da escola falava com os professores:

“[...] a gente ter mais autonomia de chegar e falar na direção...”

“[...] eu não tinha tanta dificuldade de vê [...]”.

“[...] tinha notas muito boas eu tirava notas excelentes”.

Conforme analisa Bueno (2008) as condições de classes sociais, vão impactar em seu processo de escolarização, tanto de pessoas com deficiência de condição socioeconômica empobrecida como de pessoas pertencentes a classes abastadas. A depender de como a pessoa com deficiência age/reage, buscando superar condições de exclusão/opressão, quer pela busca de apoios, quer pela luta por direitos como observa-se na militância de Otto e Miguel, que relatam inúmeros atos de denúncias ao Ministério Público, no transcorrer de suas trajetórias de vida, para terem garantidas as condições de acessibilidade.

O direito de acessar, permanecer com aprendizagem na escola, assim como a participação em sociedade, mesmo com um estado omissivo, foi possível superar as adversidades provocadas pelas práticas excludentes em razão da condição de deficiência existente.

c) Vivências de exclusão, inclusão e superações

A condição de classe de Otto, vai se revelando à medida que descreve sobre sua família. A escolaridade da mãe e do pai, variou, sendo que sua mãe havia concluído o ensino médio e o pai fez somente o primário. A profissão da mãe que trabalha com confecção de crochê, artesanato e tapetes, a profissão do pai era de horticultor.

Otto é formado em dois cursos de ensino superior – Ciências Naturais/Química e Ciências Sociais - é casado e tem 4 filhos que sobrevivem com

renda familiar de dois salários mínimos. O que revela ainda precárias condições de vida enfrentadas, mesmo depois de formado.

Lígia informou que seus pais possuem curso superior, a mãe é professora e o pai autônomo e atua no comércio gerenciando uma loja. Atualmente, é solteira, mora longe da família em pequeno apartamento, para poder estudar na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

Quanto a escolaridade dos pais de Sofia, a mãe concluiu o ensino médio e o pai possuía apenas o ensino fundamental completo. A mãe trabalha como cozinheira e o pai não houve informação específica sobre sua atuação. E Sofia está em seu último ano de curso de Letras – Português.

Miguel relata que seus pais não concluíram os estudos. Sua mãe cursou até o ensino médio e seu pai parou na 8ª Série do Ensino Fundamental. Sua mãe atuava na área de apoio administrativo e seu pai trabalhava com retroescavadeira. Este faleceu logo na infância de Miguel. Atualmente, Miguel é solteiro, mora sozinho. Trabalha como professor de libras (concurado), em uma escola pública municipal. Atua em sala de recurso multifuncional, no ensino de crianças surdas. Sua renda familiar é menor que três salários mínimos. Apesar dos desafios enfrentados em seu percurso de vida, Miguel, concluiu o curso de Pedagogia e cursa Educação Física, ambos cursos em faculdades particulares. No ano de 2016, realizou uma prova de seleção para vaga de curso de Letras Libras numa universidade estadual e foi aprovado.

O processo de escolarização de Sofia, foi realizado de maneira desapropriada tendo em vista que em sua educação infantil:

“... as escolas regulares não queriam me aceitar, queriam por eu ter deficiência que eu estudasse numa escola especializada, ou estavam me encaminhando sempre a APAE. Isso que eu lembro”,

Miguel nos descreve que não teve educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a partir da primeira série, o ensino era mais uma troca de conhecimentos. Estuda na cidade de Marabá, em uma escola pública considerada

experiente na educação de surdos. E no ensino médio, buscando melhor qualidade no apoio especializado que necessitava, muda-se para a capital, Belém, para ter melhores condições de estudo.

Por seu turno, Otto descreve em muitos momentos de sua vida, ter vivido situações de preconceitos, exclusão e desrespeito pelos seus direitos. Mas sempre buscou participar das atividades da vida social, mesmo nas condições econômicas desfavoráveis e de um imaginário e prática social que historicamente marginalizavam as pessoas com deficiência. Otto não revelava não se sentir como alguém inferior em razão da deficiência visual – cegueira, e que sua vida foi marcada por lutas pelos direitos das pessoas com deficiência, inclusive nas escolas por onde estudou ao longo de sua trajetória.

Sofia relata que na escola, em certos momentos, seu convívio social foi bem conturbado, enfrentando:

“[...] grandes problemas na questão de preconceito por conta da deficiência tanto de alunos e professores e barreiras atitudinais”.

Mas o mesmo diz que isso não o impossibilitou de “acompanhar” a turma, seu processo de ensino-aprendizagem não teve grandes problemas.

A superação das condições adversas, marcou a vida de todos os participantes do estudo. Contudo, cumpre destacar, que quanto mais a família se mobilizava na luta por direitos e apresentava condições socioeconômicas mais favorecidas, melhores condições de superação e efetivação dos direitos, as pessoas com deficiência, dispunham.

Sobre as barreiras Sofia relata:

“Olha no ensino médio teve uma situação que só depois que eu entrei na escola que foi construído uma rampa, por que eu fui para uma sala que não tinha nenhuma acessibilidade. Os blocos eram separados e não tinha como eu ir de um bloco para o outro então foi feito uma rampa. Isso depois que minha mãe foi na quarta URE e reclamar, depois de ir na SEMED⁷ também, conseguiram recurso financeiro para fazer uma rampa”.

⁷- Secretaria Municipal de Educação.

Com base no relato de Otto, numa perspectiva inclusiva, houve certas condições de acessibilidade que lhes foram asseguradas, especialmente no contexto de implementação da política de educação inclusiva. Ao afirmar que a “escola buscou”, possivelmente, fora determinado pelas exigências legais do movimento inclusivo.

“Nós usávamos a máquina Braille, usava gravadores para gravar, o CAP ele deu suporte no material impresso em Braille, nas apostilas na adaptação dos gráficos matemáticos, nos gráficos da química, a escola passou por uma readaptação dos seus espaços os professores buscaram a conhecer e fazer uma formação na área da educação especial mais voltada para a deficiência visual então a escola ela buscou, entendeu?” (Trecho do relato de Otto).

A realidade de Lígia, como estudante de uma escola privada, expressa condições de atendimento com uma maior atenção, como ilustra no relato a seguir:

“Uma coisa que gostei é que eles perguntavam para mim o que eu precisava, eles não falavam “eu acho que isso é melhor! “. Não! Você não pode achar que isso é melhor por que você não sabe o que eu preciso, então não pode achar que isso é melhor [...] E lá eu tinha muita autonomia chegar na direção para falar eu não quero assim, eu quero assim... eu poderia chegar no meu professor: olha isso não tá dando certo. Eu quero assim, e ter aquilo que eu estava precisando, então eu nunca me atrasei em relação aos meus outros colegas [...] Para não me atrasar em relação aos meus outros colegas, o fato é que eu nunca me atrasei”.

Para Miguel o processo de escolarização e suas lacunas, não lhes propiciaram bom desempenho em processos seletivos para ingresso em instituições de ensino superior, públicas. E os surdos, parecem ter sido uma das populações que enfrentaram inúmeras situações de desvantagens, ocasionadas pelas barreiras na comunicação.

O processo de segregação típica no modelo de integração é ilustrado por Miguel:

“Também quando eu era criança no fundamental até o médio eu tive educação especial a sala era bem pequeninha! Só a professora de

disciplinas... também português, várias disciplinas, tudo era na sala pequena que estudava”.

“[...] Na sociedade os surdos tudinho estavam juntos, tinha professor interprete ele buscava ajuda aqui no AEE do Jonathas mesmo. Ele, estudando na Metropolitana ele vinha para cá. Eu vinha para o Jonathas, buscar ajuda a professora Joseane me ajudava e ela também ia para a Metropolitana no curso de Pedagogia. ...]”

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo está em andamento, depois de um ano de pesquisa, identifica-se a necessidade dos dados serem dialogados com os participantes do estudo, para sistematizarmos com coerência e fidedignidade a rede de significados, que perpassam os fatos das histórias narradas.

As práticas pedagógicas exitosas eram constituídas a partir de um protagonismo das pessoas com deficiência em suas escolas, nas interações com os contextos físicos e sociais.

Há inúmeros determinantes a se considerar nas discussões que os dados da pesquisa. As questões de condições de classes sociais, incidem sobre o processo de escolarização dos alunos com deficiência de origem popular, e também dos alunos pertencentes a classes abastadas. É preciso dialogar com essas realidades e compreender que a transformação das estruturas sociais produtoras de desigualdades e estigmatizações e discriminações, é possível.

REFERÊNCIAS

BAZON, F. C. M.; ARAGÃO, A. S.; SILVA, C. V. Quando a inclusão pode dar certo: trajetórias escolares de pessoas com deficiência visual que concluíram o ensino superior. In: CAIADO, K.R.M. **Trajetórias escolares de alunos com deficiência**. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial. Disponível em: <www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/con1988.../CON1988.pdf> Acesso em: 5 mar. de 2017.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Ministério da Educação. 11ª Ed., 1996. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/edicoes/paginas-individuais-dos-livros/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao-nacional>>. Acesso em: 20 mai. de 2017.

_____. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>>. Acesso em: 02 fev. de 2017.

BUENO, J. G. S. Apresentação. In: CAIADO, K.R.M. **Trajetórias escolares de alunos com deficiência**. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

_____. As políticas de inclusão escolar: uma prerrogativa da educação especial? In: BUENO, J. G. da S.; MENDES, G. M. L.; SANTOS, R. A. dos (Org.). **Deficiência e escolarização: novas perspectivas de análise**. 1. ed. Araraquara: Junqueira & Marin; Brasília: CAPES-PROESP, v. 1, p. 43-63, 2008.

BEZERRA, G.F; ARAUJO, D.A. de C. **Em busca da flor viva: Para uma crítica ao ideário inclusivista em educação**. Educ. Soc., Campinas, v.34, n 123, p.573-588, abr -jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v34n123/14.pdf>

CAIADO, K.R.M. **Aluno deficiente na escola: lembranças e depoimentos**. 2.ed – Campinas: autores associados, 2003.

CAIADO, K.R.M. **Trajetórias escolares de alunos com deficiência**. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

CAIADO, K.R.M; BERRIBELLE, G.R; SARAIVA, L.A. Educação e deficiência na voz de quem viveu essa trama. In: CAIADO, K.R.M. **Trajetórias escolares de alunos com deficiência**. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

RABELO. L.C.C. Programa de iniciação científica: **Entre silêncios, vozes e visibilidade: trajetórias de vida e de escolarização de pessoas com deficiências 2016**. Campus de Marabá/UNIFESSPA/PIBIC/CNPq- 2016.

SAVIANI, D. **Educação Brasileira: estrutura e sistema**. 8ªedição. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

PADILHA, A. C.; SÁ, M. A. de. Estigma e deficiência: Histórias de superação. In: CAIADO, K.R.M. **Trajetórias escolares de alunos com deficiência**. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

MANTOVANI, J. V.; A. D. T. LOUREIRO. Memórias da escola: alunos com deficiência física que concluíram o ensino superior. In: CAIADO, K.R.M. **Trajetórias escolares de alunos com deficiência**. São Carlos: EdUFSCar, 2013.